

EQUIDADE E SAÚDE: VOZES DA PERIFERIA

Fernando Conceição dos Santos Barbosa¹

Resumo:

O artigo pretende mostrar a configuração territorial de duas comunidades em João Pessoa: Paratibe (território quilombola) e Santa Bárbara (comunidade tradicional), apontando as características de suas populações com as suas etnicidades e com o desenvolvimento de suas compreensões em vista dos direitos humanos. O território quilombola de Paratibe tem o contexto de sua ocupação e com a manutenção dos valores e traços originários da cultura africana, e com os processos humanos tornam-se cristãos (católicos e protestantes), mudando-se as denominações religiosas originais com a preservação de suas raízes culturais, como o côco (dança de origem litorânea incorporada pelos quilombos interioranos). A comunidade Santa Bárbara, um local na região limítrofe com o bairro de Mangabeira – região sul de João Pessoa apresenta uma caracterização de pessoas em situação de precariedade social. Este local foi ocupado por diversas pessoas e criando-se uma comunidade e com a existência de bolsões econômicos (haras) contraditórios com a realidade social da população residente. Estas atividades foram desenvolvidas pelas edições do projeto de extensão Equidade e Saúde²: Vozes do Quilombo (2018) e Vozes da Comunidade (2019) da Universidade Federal da Paraíba, no Centro de Ciências da Saúde – Departamento de Enfermagem em Saúde Coletiva. O estudo pretende apresentar como estas pessoas vivem e como estes se reconhecem diante das novas estruturas tecnológicas e culturais criadas e impostas pelos diversos meios de comunicação e ensino e quais são as suas interpretações e compreensões em relação as suas formas de vida e na manutenção dos seus direitos que estão resguardados sobre a esfera política.

Palavras-chave: Quilombo. Cultura. Cidadania. Comunidade. Sociedade.

¹ Extensionista e Bacharelado em Ciências Sociais na Universidade Federal da Paraíba, UFPB, fernandos_barbosa@hotmail.com.

² Esta apresentação é resultado das atividades realizadas no projeto de extensão Equidade e Saúde em seus diferentes editais: Vozes do Quilombo (2018) e Vozes da Comunidade (2019), desenvolvido na Universidade Federal da Paraíba – Departamento de Enfermagem em Saúde Coletiva, tendo como coordenadora a Professora Dra. Simone Elisabeth Duarte Coutinho e vice coordenadora a Professora Me. Ana Maria Cavalcante Lopes.

Introdução:

As comunidades de Paratibe e Santa Bárbara são locais inseridos à cidade de João Pessoa. Estes bairros localizados na região sul deste município compreendem caracterizações diferentes e podem ser notadas de acordo com as suas populações e com a recepção das modificações acontecendo na sociedade. Estas localidades apresentam caracterizações periféricas - seja em vista do território quilombola ou da comunidade urbana tradicional. Paratibe está localizada em direção leste estando próxima ao litoral, diferente de Santa Bárbara que está para o oeste, em que passa por um forte processo de urbanização. As particularidades destes locais podem ser vistas em relação à população e aos seus modos e formas de vida de seus membros humanos. Os quilombolas trazem a marca histórica de um processo escravista que duraram dois séculos de existência e os habitantes de Santa Bárbara são migrantes que vieram para o espaço urbano em busca de melhorias sociais. A região de Paratibe, um território quilombola existente em séculos – acredita-se em dois séculos, sendo resguardada a memória daqueles que ali viveram e construíram os primeiros pilares para que fosse um bairro nos dias atuais. A comunidade Santa Bárbara atrelada à ocupação massiva de pessoas que vieram para a capital procurando melhorias de vida e com a presença de mata nativa atraindo outros tipos de negócios, com a existência de três haras.

O território quilombola com o passar dos anos teria perdido muito de sua cultura original pelas transformações que acontecem na sociedade e diante das novas estruturas presentes no contexto social. Os casamentos não se realizam mais de forma unilinear entre primos sanguíneos. Esta ação comum entre os grupos tradicionais teria existido, mas se mantido ao menos dentro desta caracterização étnica estudada – Quilombo de Paratibe, havendo pessoas entre os trinta e cinquenta anos casados e que sejam primos. Apesar de este fato ter acontecido com as gerações posteriores, não há mais casamentos parentais entre os membros desta comunidade afrodescendente. Este fator fez com que houvesse uma renovação sobre as origens étnicas, havendo um processo de miscigenação entre brancos, negros e indígenas. A localização de Paratibe é limítrofe com os territórios indígenas tabajaras em Gramame, favorecendo a miscigenação entre negros e indígenas e gerando pessoas cafuzas. A miscigenação não pode ser vista como causa, mas serem elencados os fatores que levaram estas populações (negros e índios tabajaras) a ocuparem estes locais na cidade de João Pessoa. Não existe como objetivo fazer um estudo etnológico de Paratibe, mas apresentar as características e caracterizações de sua população e a recepção das mudanças vigentes na esfera pública que lhes interesse.

A comunidade de Santa Bárbara tem uma caracterização diferente de Paratibe, que apresenta uma população com características de precariedade social. O local é formado por pessoas que trabalham e não tem outras ocupações que não sejam profissionais. Boa parte da renda básica desta população é para a sua manutenção e sobrevivência. São pessoas que vivem sobre uma falta de estruturação social defasante com as condições humanas, e a busca pelo estudo para uma profissionalização e a inserção no mercado de trabalho com melhores condições de vida acaba não acontecendo por existir a necessidade em trabalhar para colocar alimento sobre a mesa. A vida precária das pessoas é notada na chegada, que não há estrutura alguma para que vivam pessoas neste local, incluindo-as demais situações relevantes à vida social com a presença de organismos sociais que atendam a esta população e lhes conceda formas de vida digna. Nas ruas não há calçamento e o sistema de energia elétrica e abastecimentos de água parecem ser bem precários, dificultando o acesso da população a estas condições sociais para o estabelecimento humano e sua manutenção no local.

Metodologia:

A existência de problemas sociais é nítida em ambos os espaços que se realizaram as atividades de extensão e muitos destes problemas estão atrelados ao descaso das esferas públicas em relação aos contextos presentes nos centros urbanos – como capitais e cidades metropolitanas. O estudo não vai debater as questões referentes à territorialidade e aos seus direitos de propriedade, mas focar nas pessoas e nas suas caracterizações sociais e pessoais sobre estes espaços com as suas configurações humanas, mostrando a questão das ações de resistência diante das estruturas políticas e verem como estes sujeitos sociais vivem e dialogam para com os organismos sociais. A presença de organismos sociais nestes locais não é existente, situação notada tanto no território quilombola e na comunidade urbana tradicional. As atividades desenvolvidas com estas populações estão ligadas ao fato de sua inserção sobre estes organismos e o reconhecimento de seus direitos humanos e sociais ao viverem em locais periféricos da capital paraibana. Estes fatores mostram como estas pessoas vivem sem auxílio algum vindo das esferas governamentais e precisam enfrentar muitas horas andando ou no transporte coletivo para terem atendimento médico/escolar e social.

O projeto de extensão Equidade e Saúde em seus editais diferentes – Vozes do Quilombo (2018) e da Comunidade (2019), desenvolvido pelas professoras Simone Elizabeth Duarte Coutinho e Ana Maria Cavalcante Lopes na Universidade Federal da Paraíba estabelece condições para acontecer uma relação respaldante de cidadania junto às

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

necessidades essenciais destas pessoas que tem os seus direitos feridos diante das condições como vivem e estão colocadas sobre esta sociedade. A presença nestes espaços apresenta como intento ofertar possibilidades para mudarem sua realidade social e compreenderem a sua humanidade diante das transformações que acontecem na sociedade e nas suas estruturas. Os objetivos do projeto estão em oferecer caminhos para ter um crescimento e desenvolvimento acerca de sua realidade e sendo capazes de dialogar com as vivências sociais sem perderem as suas características étnicas e sociais. Com a realização de visitas e dialogando com os membros destas, pretende-se construir um percurso de desenvolvimento de práticas de cidadania e direitos humanos.

Os extensionistas que realizaram estas atividades tinham as suas diferentes formações (Enfermagem, Nutrição, Ciências Sociais e Medicina) e compreensões diversas sobre os contextos apresentados. O desenvolvimento das atividades com a metodologia de observação participante – estudo etnográfico procura fazer uma descrição precisa sobre os contextos humanos e suas formações, como as suas interpretações em relação ao seu local social com o desenvolvimento dos direitos humanos. Os valores morais e éticos não podem deixar de estar presente diante da análise realizada e sabendo que o ensino escolar torna-se relevante para o desenvolvimento deste estudo. Os referenciais teóricos utilizados complementam a experiência realizada com autores e expondo questões referentes à formação humana, cidadania, direitos humanos, reconhecimento étnico com as suas diferentes interpretações de ótica humana. O artigo será construído com uma divisão em dois subtítulos. O primeiro desenvolve um estudo sobre o Quilombo Paratibe, mostrando como são as suas relações internas e externas diante dos traços históricos étnicos africanos com o papel escolar e formativo. O segundo esta sobre a comunidade urbana de Santa Barbara, mostrando como foi o processo de ocupação do local e uma descrição da realidade destas pessoas e a sua inserção no espaço escolar.

Vozes do Quilombo:

O texto traz como uma de suas argumentações a compreensão de como vivem as pessoas desta comunidade quilombola em João Pessoa e quais são as suas relações para com a sociedade em seu entorno. O fato de sofrerem ações de preconceito, oriundas por viverem em um território de origem afrodescendente e manterem as suas raízes históricas e culturais como membros de um território com caracterizações afrodescendentes fazem-se importantes, e apontar como acontecem estas relações e como se concretizam na sociedade com as suas

novas configurações sociais e espaciais. A comunidade Paratibe sempre esteve à margem do reconhecimento e regularização fundiária em vista da manutenção do seu direito quilombola. Os estudos destes núcleos são recentes, como o reconhecimento em ser um território de origem afrodescendente. Segundo os estudos de Gonçalves - Relatório Antropológico de Reconhecimento e Delimitação do Território, idealizado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA (2012)³ mostra as famílias fundadoras da comunidade e um pouco da estória destes ex-quilombolas. Os estudos desenvolvidos pelo INCRA são importantes para configurar as bases de criação do Quilombo Paratibe, formado por cinco árvores genealógicas representadas pelos sobrenomes: Albino, Ramos dos Santos, Miguel, Pedro da Silva e Máximo.

Estes ramos familiares são as estruturas que compreendem as bases fundamentais da ocupação quilombola e são por elas que é possível entender e compreender como aconteceu a ocupação territorial e como viveram ao longo dos anos neste território. Como extensionistas, as informações acerca de como vivem e desenvolvem os seus projetos humanos são relevantes e importantes para este estudo. Existem fatores de resistência que acontecem da parte da representante da Associação da Comunidade Negra de Paratibe que teve problemas com outros estudantes universitários tornando-se resistente à presença de pessoas que desejem fazer qualquer tipo de estudo no local. Por maiores que tenham sido as dificuldades com a comunidade continuamos tentando e não desistimos de sair deste local sem ter realizado um bom trabalho humano. As atividades desenvolvidas pelo projeto de extensão tinham seus limites e por maiores que tenham sido as dificuldades, com o auxílio das professoras e com um estudo teórico sobre a realidade quilombola foi possível ter um olhar de alteridade sobre as considerações desta população e as suas inseguranças em vista do diferente, que os vê apenas como uma matéria de estudo.

Nas imediações do quilombo existe a Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Antônia do Socorro Silva Machado, que segundo informações teria sido um membro quilombola. Antônia do Socorro teria iniciado um grupo escolar em sua residência, vindo a atender a todos os moradores daquele entorno e a comunidade quilombola, e com o desenvolvimento da cidade venho a ser uma unidade escolar municipal. Esta mulher torna-se um exemplo para os membros da comunidade, devido as suas realizações humanas. Este é um organismo, em que deveria haver uma manutenção dos seus direitos e ser uma extensão de suas residências à sociedade, mas não é assim que acontece. As crianças da comunidade tem

³ Estudo realizado em 2010 e publicado em 2012.

contato com a sociedade externa, que acontece pelas vidas da unidade escolar e com a relação com outras pessoas que vivem pelo entorno ou externamente ao território. Costa (2016) demonstra com os seus estudos que as relações de preconceito são correntes dentro da escola. A presença de outros residentes no bairro faz com que sejam acentuadas as diferenças entre os moradores quilombolas e os demais moradores do bairro.

A questão do racismo acontece pela binariedade populacional que não deveria existir dentro de um espaço educacional, e partindo da compreensão que o terreno da escola tem o nome de uma membro quilombola e homenageia esta caberia aos demais aceitar ao menos o fato de eles terem sido os primeiros ocupantes do bairro. A existência do Quilombo Paratibe já deve chegar a dois séculos, mas existem pessoas que negam este direito a eles, dizendo que nunca houve uma comunidade neste local ou negando por interesses comerciais e fundiários. A presença de chácaras na região ajuda a concretizar estes ideais de negação, que fazem com que haja uma repressão social contra os quilombolas. A escola como um organismo social tem o seu papel vinculado a formar uma pessoa que dialogue para com a sua realidade, lhe ofertando condições para que viva e conviva de forma equânime para com a sociedade. A sociedade nos apresenta um novo formato que deve ser concretizado em ações que transmitam a inclusão e não excluam os discentes do seu contexto real.

As óticas de vida e escola são paralelas e não podem ser desmembradas por serem complementares. As palavras de Freire tornam-se viáveis pelo contexto apresentado pela comunidade de Paratibe, que sofre os mais diferentes tipos de preconceitos relacionados às suas questões étnicas, não havendo um respeito humano condizente para com este humano que deveria ter as suas condições étnicas particulares mantidas e respeitadas pela sociedade. A sociedade necessita passar por uma transformação que esteja além dos campos escolares e alcance a todos os seus membros, fazendo com que as diferenças sejam extintas e haja um pensamento equânime. Diante desta situação, o geógrafo Ariovaldo de Oliveira (2010, p. 139) apresenta um percurso a ser concretizado pelos docentes como um fator de construção de uma nova forma de compreender o papel escolar e a realidade, os fazendo próximos: “Todos nós, professores, temos que fazer esta reflexão, individual e coletivamente, pois este é o patamar mínimo que colocará, para todos nós, a necessidade de profundas transformações na escola. É preciso que tomemos nas mãos a tarefa de construir o ensino de uma geografia viva, participante” (p.139). O geógrafo está enfatizando sobre como devem ser as ações docentes em prol de sua prática, mostrando que a questão territorial e a participação das pessoas são fatores importantes para a concretização de uma cidadania.

A realidade quilombola precisa ser vista com cuidado e ter um reconhecimento sobre estas formas e modos de viver que podem ser um alicerce para compreendermos melhor as suas tradições africanas e as adequações para com o Brasil. As suas vivências e convivências precisam ser vistas com importância e a busca pela manutenção e preservação de uma cultura que pode ser perdida por não termos realizado uma documentação caracterizadora sobre esta comunidade que está presente em uma cidade que tem tido um crescimento urbano expressivo. O espaço escolar é um passo para que aconteça a inserção destas pessoas sobre a sociedade e para que possam agir e reagir diante das mais diferentes situações, tendo as suas formas e modos respeitados e serem reconhecidos por seus valores culturais que nos são característicos. Paratibe é apenas uma comunidade remanescente e os seus valores precisam ser observados e reconhecidos para que não haja a perda de toda uma história de povos tradicionais. Para entendermos o quilombo nos basta o espelho e ao termos este objeto nas mãos, reconhecermos os nossos traços, possamos ver os sinais negros que trazemos em nós, mas vemos os preconceitos refletidos sobre aqueles que resguardam o nosso valor histórico.

Vozes da Comunidade:

A comunidade tradicional de condição urbana de Santa Bárbara é um local que tem passado por um forte processo de urbanização devido ao fato de estar próximo ao Shopping Mangabeira, mas mantém características naturais pela presença de lotes que apresentam serviços rurais. O distrito de Mangabeira como Santa Bárbara foram regiões construídas sobre a ocupação ilegal das terras que estavam sem uso e havia a presença de mata nativa, como ainda existe em partes de Santa Bárbara. As disparidades estruturais entre o natural e o urbano são características deste local e podem ser percebidas ao caminhar pela localidade. A avenida que nomeia a comunidade tem uma parte calçada e a outra ainda está em suas condições originais – em uma mistura de terras e pedras. Estas caracterizações mostram como a parte que está ligada ao acesso ao centro comercial foi calçada e a outra parte, em que vive uma parcela da população que urbanizou a localidade não tem o mesmo calçamento. Estes são um dos problemas estruturais que são notados logo ao entrar na avenida. Estas pessoas vivem em uma condição de extrema precariedade, por não terem os serviços básicos e essenciais próximos as suas residências, como a existência de unidades escolares em suas diferentes modalidades de ensino e atendimento à saúde, que seria um grande auxílio para toda a população.

De acordo com alguns moradores, a localidade vem sendo ocupada em torno de trinta anos por diferentes pessoas que migraram para a região buscando melhorias de vida. O local apresenta três haras que movimentam a avenida durante os finais de semana, tendo um fluxo massivo de pessoas durante estes dias da semana. As casas na comunidade foram sendo construídas de forma espaçada (soltas), não havendo um planejamento e estruturação na construção destas e da mesma forma houve a ocupação das áreas de mata nativa criando-se os haras. Por ser uma região de Mata Atlântica isso fez com que houvesse a atração para a criação deste tipo de negócio, favorecendo condições para que este animal esteja em seu ambiente natural. Os haras movimentam o local e a sua presença atrai um movimento incomum para a localidade, mas não é um fator para que haja melhorias sobre o local. A existência destes apenas ajuda a mostrar que as pessoas que habitam o local vivem na precariedade humana e não tem auxílio das esferas governamentais. Com a construção do centro comercial - “shopping” houve algumas promessas sobre a pavimentação da rua, mas não chegaram a concretizar de fato.

A escola aparece como um elemento importante dentro destes contextos de precariedade social. A condição social destas pessoas por não terem um mínimo de permissões para exercerem o seu papel cidadão, lhes faltando uma esfera essencial para que aconteça uma educação como percurso para a transformação social. Com o contexto educacional subjacente a estes critérios, existe a possibilidade em desenvolver atividades e ter um panorama de crescimento e desenvolvimento em vista das atividades desenvolvidas pelos extensionistas em prol de suas compreensões acerca das esferas de direitos e deveres que compreendem a cidadania humana. A Educação e a Cidadania são duas palavras de um grande impacto sobre a vida e compreensão das pessoas e são termos que nos perpassam sobre os demais e que permeiam a sociedade e as suas diferentes caracterizações. Como um estudo que prescinde sobre a interpretação de uma realidade humana – comunidade urbana e não podemos esquecer que são pessoas que vivem sobre este espaço e por mais que aconteçam modificações, estas não são capazes de acompanhá-las e entendê-las de forma uniforme como vemos e serem vítimas de um sistema social que não lhes apresenta condições para crescerem e se desenvolverem.

Resultados e Discussões:

O corpo discente pode ser formado por públicos diferentes e não haver uma homogeneidade diante desta realidade. O termo homogeneidade fere a compreensão de uma

educação transformadora quando se afirma que existe homogeneidade em locais, negando as particularidades e unindo em um mesmo contexto a diversidade humana que ao tornar-se homogênea, nega em princípio o particularismo – o indivíduo como um sujeito de ideias e vontades, que logo está presente em um coletivo, formado por pessoas que pensam e agem de formas diferentes. A contextualização sobre indivíduo e coletivo deve ser feita notando sempre estes cuidados, e vendo que um indivíduo está para o coletivo, mas pode acontecer de o coletivo não estar para o indivíduo. A individualidade é a noção humana presente sobre estes dois corpos que unidos formam a escola em sua complexidade e não podem perder as suas características originais diante do exposto. A educação tem o seu enlace sobre o reconhecimento das pessoas como indivíduos que vivem de forma coletiva e estas compreensões são importantes sobre a ótica idealizada sobre o viés educacional.

O docente como um personagem dentro desta configuração tem os seus deveres e direitos dentro de um círculo limitado e este compreende outros corpos como a gestão administrativa em suas esferas e o corpo discente. A gestão administrativa apresenta como um de seus critérios terem uma relação saudável para com a comunidade escolar e os discentes são os receptores de todo este contexto complexo que completa a escola como uma instituição educacional. A compreensão humana é relevante diante destas condições, mostrando que estes corpos vivem unidos, mas tem uma relação de integração social. O educador Paulo Freire – um nome de referencia nacional e internacional para se debater a Educação Nacional nos teria deixado um legado com os seus escritos diante do contexto educacional apresentado em um dos seus estudos – Pedagogia da Autonomia (2011). As formações das pessoas estão ligadas aos muitos fatores humanos que alicerçam e são premissas para que haja um crescimento e desenvolvimento coerente e transformador para com a realidade social.

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender, participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética, ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade. (p.26)

As palavras do educador tornam vivas as compreensões acerca dos passos necessários para que aconteça um projeto educacional transformador e não apenas do percurso buscado pela comunidade, e para que haja o desenvolvimento de sua população e tornem-se de fato cidadãos plenos em direitos e deveres, sendo capazes de dialogar para com o suas situações reais. A educação nos exige uma autenticidade, a capacidade de expressar este conhecimento

e abrir-se para uma nova recepção de um ensino e aprendizagem que está se construindo com uma participação massiva da população, e com a totalidade dos seus membros entre estes corpos: discente e docente, na qual estamos realizando um trabalho humano, premente de uma inserção social. As relações entre estes corpos estão em seus objetivos diante da realidade concretizada. O papel do professor não é apenas retransmitir o conhecimento como se fosse uma ação automática e a do aluno não está apenas em ser um receptor, mas as interfaces destas relações devem acontecer unidas, quando existe um complemento entre a ação docente e a recepção discente. O ato de educar tem uma beleza própria relacionada com a decência e a seriedade deste educador em realizar a sua prática docente.

Considerações Finais:

A relação das comunidades tradicionais – território quilombola e comunidade tradicional urbana com os saberes escolares acontecem de forma intrínseca, mostrando que existem condições em concretizar uma formação transformadora que não esteja apenas nas palavras, mas que atinja de fato a um objetivo comum e possa se fazer concreta. As exposições de Freire e Oliveira tornam-se complementares diante da concretização de uma educação neste formato. Os códigos legislativos apresentam em seus textos esta complementariedade que existe nas relações entre as organizações sociais e as unidades escolares. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN demonstra este contexto, apontando a liberdade deste exercício na sua prática em situações consideradas importantes sobre o viés de dois corpos educacionais e sociais que representam no Artigo 03: “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber” (2010). A Educação acontece por um longo caminho que perpassa sobre a escola e os demais espaços, mas se concretiza na vida. Os objetivos elencados pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional deve ser um alicerce para que também exista a concretização de um bom trabalho que esteja vinculado à manutenção de uma educação cidadã.

As diferenças sociais são caracterizadas por diversos fatores, entre os quais, as questões étnicas e territoriais, as estruturas de moradia e a presença/ausência de serviços essenciais que atendam a população. Cada um destes pontos apresenta as suas problemáticas e o reconhecimento étnico está em aceitar o diferente e não julgar pelas características físicas criando o preconceito. As estruturas de moradia são deficiências presentes na sociedade brasileira e devem ser mediadas pelo governo, como a ausência de organismos sociais. A realidade das comunidades é dolorosa para estes educandos que não tem um ideal formalizado

ainda, e mal sabe qual pode ser o seu futuro diante do local em que vivem. O estudo traz uma forte relação com os contextos educacionais e sociais presentes na realidade das comunidades com as suas disparidades. Os textos legislativos são um parâmetro para a formação humana deles os ajudando a compreender as questões de organização e importância dos saberes escolares para a vida. Os projetos de extensão universitária pretendem por meios de ações complementarem as atividades desenvolvidas por estes organismos sociais. O objetivo está em fazer com que entendam os seus contextos territoriais e étnicos, tendo uma compreensão cultural e social acerca da realidade dada.

A realidade destas comunidades é complementar pelas caracterizações encontradas em ambas as situações. Por mais que o território quilombola tenha problemas de origem étnica vinculados desde o reconhecimento dos seus membros até o preconceito sofrido externamente, não acontece de forma diferente na comunidade urbana de Santa Bárbara. Esta comunidade apresenta problemas de origem estrutural como em Paratibe, que desde os seus primeiros residentes nunca houve um alicerce das esferas governamentais com uma aparelhagem social. Estes locais são tidos como regiões periféricas, muito pouco é feito por eles, existindo a necessidade em haver mais escritos e publicações que descrevam a realidade da população em João Pessoa pelo viés das diferenças sociais. Os textos utilizados para a construção deste artigo servem como um alicerce para a construção de uma educação transformadora e libertadora sobre as realidades humanas.

Referências:

BRASIL, Lei Darcy Ribeiro. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. 5 ed. Brasília: Câmara dos Deputados, *Coordenação Edições Câmara*, 2010, 60 p

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos**. 18 ed. Campinas, SP, Papyrus, 2013, 192 p. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**: o longo caminho. 18 ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2014, 254 p.

COSTA, Iany Elisabeth da. **A resignificação da identidade quilombola na comunidade de Paratibe, João Pessoa-PB**: uma análise a partir dos processos de resistência. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas. Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2016 (material em PDF).

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 14a ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2011.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 14 ed. rev. e atual. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2011a, 189 p.

_____. **Extensão e comunicação?** *tradução* Rosiska Darcy de Oliveira. 15a ed. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

_____. **Política e educação**, *organização* Ana Maria Araújo Freire. 1 ed. São Paulo, Paz e Terra, 2014, 142 p.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

GONÇALVES, Maria Rodizia Pereira. **Relatório Antropológico de Reconhecimento e Delimitação do Território Quilombola de Paratibe**. Serviço de Regularização dos Territórios Quilombolas do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA. Superintendência Regional 18 Paraíba: João Pessoa, Nov.2012 (material em PDF).

OLIVEIRA, Ariovaldo de (org.). **Para onde vai o ensino de Geografia?**. 10a ed. São Paulo, Contexto, 2012. (Repensando o Ensino).

PARO, Vitor Henrique. **Escritos sobre Educação**. 1 ed. São Paulo, Xamã, 2001, 144 p.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. 7 ed., 1 reimpr. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2012a, 169 p. (Coleção Milton Santos, 8).